"Moscouzinhos" no Brasil: a militância do PCB na pequena cidade

"MOSCOUZINHOS" NO BRASIL: A MILITÂNCIA DO PCB NA PEQUENA CIDADE

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a atuação da militância comunista no município de Magé, Estado do Rio de Janeiro, entre 1940 e 1964, efervescência política que caracterizou a cidade como "moscouzinho". Acreditamos que por meio desse estudo de caso, ancorado a outras pesquisas semelhantes, possamos compreender de forma mais apurada como se deu a experiência do Partido Comunista do Brasil (PCB) nas pequenas cidades brasileiras, para além das decisões de cúpula no seu Comitê Central.

PALAVRAS-CHAVE:

Comunismo. Partido Comunista do Brasil (PCB). Classe trabalhadora.

Felipe Augusto dos Santos Ribeiro[1]

"MOSCOUZINHOS" NO BRASIL: A MILITÂNCIA DO PCB NA PEQUENA CIDADE[2]

> [...] No domingo, realizam-se as primeiras eleições municipais, no estado do Rio de Janeiro. Não estou interessado em política partidária, nem escreveria a vossa eminência, mesmo que o estivesse. Trata-se, porém, de fato que transcende do pleno partidário para se projetar no plano social. Os comunistas estão organizando o que chamam 'O Cinturão Vermelho' em torno do Distrito Federal. Querem tomar conta das prefeituras de Petrópolis, Duque de Caxias, Nilópolis, São Gonçalo, etc...etc. É candidato na primeira delas o Dr. Yedo Fiúza. Os Partidos estão entrando em acordo com os comunistas. Parece-me que não é lícito a um católico votar em candidatos bafejados pelos comunistas. Há necessidade de uma palavra de advertência. E só quem tenha autoridade, pode dá-la [...]. O senhor presidente da república reconhece

---

[1] Doutorando em História, Política e Bens Culturais pelo CPDOC/FGV e mestre em História Social pela FFP/UERJ. Autor da dissertação: *Operários à tribuna: vereadores comunistas e trabalhadores têxteis de Magé (1951-1964)*, premiada com o terceiro lugar no Concurso de Monografias do APERJ (2011). É membro do Laboratório de Estudos dos Mundos do Trabalho e Movimentos Sociais (LEMT) e desenvolve pesquisa para a Tese: *A foice, o martelo e outras ferramentas: os trabalhadores rurais e urbanos de Magé (1956-1970)*. <felipe_ffp@yahoo.com.br>

[2] Este trabalho apresenta parte das discussões contidas em minha dissertação de mestrado, somada à inspiração suscitada a partir das proposições de José Sergio Leite Lopes sobre "a grande indústria na pequena cidade". Cf. LOPES, J. S. L. Sobre os trabalhadores da grande indústria na pequena cidade: crítica e resgate da 'Crise do Brasil Arcaico'. In: _____ [Org.]. *Cultura & identidade operária*: aspectos da cultura da classe trabalhadora. Rio de Janeiro: Marco Zero; UFRJ, 1987. p. 147-170. Em tempo, dedico este trabalho à memória do médico comunista Irun Sant'Anna, falecido recentemente, em 30 de dezembro de 2012.

> a minha iniciativa [...]. Há candidatos comunistas, aliados dos comunistas e candidatos sem ligações com eles. Parece lícita uma boa escolha por partidos católicos. Urge pois, uma orientação que estará nas mãos da Igreja [...].[3]

Nestes termos que o Palácio do Catete buscou alertar o então Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara, sobre a mov))imentação dos comunistas para a primeira eleição municipal pós-Estado Novo, em 1947. O documento era confidencial e foi assinado por José Pereira Lima, então Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República.

De fato, desde meados da década de 1940, a militância comunista cresceu sobremaneira no país, bastante motivada pelas repercussões da Segunda Guerra Mundial. Deste modo, o Partido Comunista do Brasil (PCB), que nas décadas anteriores encontrava-se "desarticulado, fragmentado, formado por núcleos esparsos, espalhados pela Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo",[4] com a maioria dos seus dirigentes presos, vinha agora buscando a reconquista de sua legalidade, redefinindo inclusive seu posicionamento frente ao novo quadro político.

Nesse período, os núcleos carioca e baiano, basicamente, constituíram a Comissão Nacional de Organização Provisória (CNOP), grupo encarregado da reestruturação do partido, que pregava o imediato apoio ao governo brasileiro e mantinha estreito contato com Luís Carlos Prestes, que ainda se encontrava preso.

Com o advento da CNOP, o PCB se reorganizou, conseguindo inclusive realizar, no ano de 1943, sua II Conferência

---

[3] Cf. Carta enviada por José Pereira Lima (Palácio do Catete), ao Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara, em 26 de setembro de 1947. (Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro, Caixa 40/Série. Pasta Temática/Documento Confidencial) apud ROBAINA, I. M. M. 2009. 152f. *A favela entre a cruz e a espada: a criação da Fundação Leão XIII e o ordenamento sócio-habitacional carioca (1947-1962)*. Dissertação (Mestrado em História Social)-Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2009.

[4] CARONE, E. *O PCB (1943-1964)*. São Paulo: Difel, 1982. v. 2. p. 1. (Corpo e alma do Brasil).

Nacional, em plena clandestinidade. Conhecida como a Conferência da Mantiqueira, essa reunião contou com a presença de diversos delegados do partido, oriundos dos mais diversos estados do país, na qual se tornou vitoriosa a tese de União Nacional. Por fim, no processo democrático brasileiro pós-guerra, o PCB reconquistou a legalidade e alcançou resultados bastante significativos.

Durante o processo eleitoral que escolheu o Presidente da República e a Assembléia Constituinte, em 1945, o PCB cresceu de modo estrondoso. Nesta eleição, elegeu dezessete deputados federais e um senador. No Distrito Federal, alcançou a maioria na Câmara de Vereadores. Em São Paulo, nas eleições estaduais, obteve o terceiro lugar no total de votos, superando inclusive a União Democrática Nacional (UDN). Tendo seu número de simpatizantes e aderentes aumentado de forma considerável, o PCB já era considerado, em 1947, como o quarto maior partido do país, com cerca de duzentos mil militantes (nas estimativas mais otimistas).[5]

Entretanto, toda essa efervescência não foi obtida sem percalços, tendo os pecebistas que enfrentar uma severa realidade: o fortalecimento do anticomunismo, principalmente com o advento da Guerra Fria. O governo brasileiro passou a endossar as decisões da diplomacia norte-americana no período e as campanhas veiculadas pelo partido foram intensamente reprimidas. Por fim, em 7 de maio de 1947, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) resolveu cancelar o registro do PCB. A partir daí, ocorreu uma longa batalha judicial acerca da possível cassação dos mandatos dos parlamentares eleitos pelo partido. Eles encontravam-se sem partido, embora com mandato legitimado pelas urnas. Outra questão era a eleição municipal que seria realizada em setembro, pois o PCB já despontava como um dos principais partidos do país e planejava ampliar seu espaço na política brasileira.

---

[5] O historiador e militante comunista Jacob Gorender destacou: "o PCB dizia ter 200 mil militantes naquela época. Não tenho comprovação de que isso seja verdadeiro, mas o fato é que talvez houvesse 200 mil fichas de filiados, que caíram nas mãos da polícia". Cf. GORENDER, J. O ciclo do PCB: 1922-1980. In: FORTES, A. *História e perspectivas da esquerda.* São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Argos, 2005. p. 169.

Desse modo, diante das incertezas, os comunistas passaram a investir em diversas frentes no intuito de manter o partido vivo. A principal delas, sem dúvida, foi a de estabelecer uma ferrenha batalha judicial para restabelecer a legalidade da legenda. Outra frente buscava meios legais para, caso se confirmasse o cancelamento de seu registro, ao menos os mandatos dos parlamentares comunistas fossem preservados. Um dos meios legais estudados foi a fundação de uma nova agremiação partidária, o Partido Popular Progressista (PPP), cujo registro, posteriormente, não foi reconhecido pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE).[6]

Todavia, por ocasião da iminente eleição municipal, o clandestino PCB resolveu estabelecer entendimentos políticos com diversos partidos políticos, baseados em um programa mínimo de propostas, aspecto inclusive destacado na carta enviada ao Arcebispo do Rio de Janeiro, representante local de um dos principais ícones do anticomunismo: a Igreja Católica.

> [...] A partir da década de 30, a Igreja dedicou muita atenção ao combate ao comunismo [...] 'uma praga moderna', 'bárbaros modernos, armados de foice e martelo'. Pouco após a Encíclica de 1937 sobre o comunismo, elaborada por Pio XI, os bispos brasileiros emitiram uma carta pastoral advertindo contra o marxismo que iria destruir a moral cristã e acarretar penúria material. Documentos posteriores condenavam a luta de classes [...]. Na prática, essas atitudes se traduziam numa oposição eclesiástica às greves e a outras expressões do descontentamento popular [...]. A expansão do Partido Comunista após a segunda Guerra Mundial também estimulou a Igreja a repensar a sua missão. Os comunistas eram o quarto partido do país em 1946 e eram especialmente fortes no Rio de Janeiro. Dado o anticomunismo da Igreja, o sucesso do PC instigava muita preocupação. A expansão do comunismo era vista como um sinal de decadência da cultura católica e dos valores

[6] CARONE, 1982, p. 6.

> tradicionais [...]. A ameaça comunista era uma das maiores preocupações dentro da Igreja.[7]

Ainda na seara do anticomunismo, alguns setores da imprensa também adquiriram notoriedade. O *Correio da Manhã*, por exemplo, um dos principais jornais brasileiros à época, chegou a exortar em seu editorial que era preciso "colocar uma barreira no caminho da epidemia do comunismo".[8]

Realmente, diversos movimentos anticomunistas surgiram no país entre 1945 e 1964.[9] No Estado do Rio de Janeiro, especificamente, merece destaque a Cruzada Brasileira Anticomunista. Tendo a frente o jornalista Joaquim Miguel Vieira Ferreira, o movimento buscava a impugnação de candidaturas daqueles que eram reconhecidamente comunistas, em diversas regiões do estado, ingressando sempre no Tribunal de Justiça com os respectivos processos. A atuação desse grupo era motivo de preocupação para o PCB fluminense, que através do seu periódico *Imprensa Popular* vivia em permanente campanha contra "Joaquim Metralha", como era conhecido o referido jornalista, afirmando que suas atividades eram golpistas mascaradas de anticomunismo.

Vale ressaltar que o próprio Estado brasileiro reforçou sua posição anticomunista no período, sobretudo por meio da polícia política. Sem dúvida, os militantes pecebistas tornaram-se o principal alvo dos agentes de Segurança Pública, como bem ilustra o documento da Divisão de Ordem Política e Social (DOPS) do Rio de Janeiro:

> [...] Senhor Comissário Geral, o desavergonhado e tarado Irun Sant'Anna, comunista de fibra, ultimamente, antes

---

[7] MAINWARING, S. *Igreja católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 49, 56 e passim.

[8] EDITORIAL. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 30 nov. 1946 apud KOVAL, B. *História do proletariado brasileiro*: 1857 a 1967. São Paulo: Alfa-Omega, 1982. p. 381.

[9] Sobre anticomunismo, Cf. MOTTA, R. P. S. *Em guarda contra o "perigo vermelho"*: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva, 2002; RODEGHERO, C. S. *O diabo é vermelho:* imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964). Passo Fundo: EDIUPH, 1998.

> e após suas consultas médicas, vem fazendo suas sorrateiras reuniões comunistas no prédio sito à rua da Matriz, nº 21-fundos, onde reside o não menos detraquêt Sebastião Reis, fotógrafo naquela infeliz cidade, infeliz sim, pela grande quantidade de micróbios moscovitas lá estagnados, à espera da Lei de Segurança, o desinfetante ideal para tais germes.[10]

A cidade em questão era Magé, localizada ao fundo da Baía de Guanabara, na Baixada Fluminense. Ela não chegou a ser citada explicitamente naquela carta do Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, porém o município constituiu-se como a materialização do chamado "Cinturão Vermelho", recebendo inclusive o cognome de "moscouzinho".[11]

Na realidade, o apelido não é nada original. Diversas regiões do mundo receberam cognomes similares. Entre elas: Jaboatão dos Guararapes, em Pernambuco, por ter empossado o primeiro prefeito comunista no país, em 1947;[12] a cidade de Santos, no litoral paulista, pela forte militância em torno do PCB;[13] o bairro operário de Realengo, na cidade do Rio de Janeiro;[14] a cidade de Racine, nos Estados Unidos da América (EUA), devido às greves

---

[10] Prontuário individual de Irun Sant'Anna. Parte de Serviço do Comissário Chefe da Seção de Ordem Social (SOS), Nabuco da Silveira Couto ao Comissário Geral da DOPS, Heráclito da Silva Araújo. Niterói, 10 de janeiro de 1949. p. 2. (Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro/APERJ).

[11] O cognome "Moscouzinho" é bastante recorrente em matérias jornalísticas e em entrevistas de antigos operários de Magé. O médico Irun Sant'Anna, no entanto, referiu-se ao cognome mencionado numa alusão aos bairros operários de Pau Grande e Meio da Serra, enquanto que Santo Aleixo e Andorinhas seriam "Stalingrado", devido às expressivas votações do PCB nas eleições pós-Segunda Guerra. Cf. SANT'ANNA, I. *Brasil:* país sem futuro? Rio de Janeiro: Imprimatur, 1997. p. 155.

[12] Foi publicado recentemente um livro de fotografias sobre a cidade que reforça este cognome. Cf. BARRETO, G. *Moscouzinho*. Recife: Tempo d'Imagem, 2012.

[13] TAVARES, R. R. *A "moscouzinha" brasileira:* cenários e personagens do cotidiano operário de Santos (1930-1954). São Paulo: Humanitas; FAPESP, 2007.

[14] MANGABEIRA, W. Memories of "Little Moscow" (1943-64): study of a public housing experiment for industrial workers in Rio de Janeiro, Brazil. *Social History*, Londres, v. 17, n. 2, p. 271-287, 1992.

e mobilizações operárias; além de diversas comunidades industriais inglesas analisadas no estudo de Macintyre.[15]

A propósito, tem sido bastante debatida a relevância das "comunidades isoladas" na formação da classe trabalhadora. Pesquisas como a de Macintyre sugerem que elas são mais propensas à militância política. Mike Savage, porém, adverte que uma classe demograficamente coesa pode tanto pender à organização política quanto à inércia, tornando-se, por isso, fundamental examinar os contextos em que as vidas operárias são vividas: "tempo e espaço não como pano de fundo da análise histórica, mas [...] como parte intrínseca do próprio processo [...]".[16]

Desse modo, o presente artigo pretende analisar a atuação da militância do PCB em Magé e a construção desta "Little Moscow", particularmente os seus reflexos junto à memória dos trabalhadores mageenses e à política no município.

Em geral, os estudos sobre o PCB partem da análise de documentos do Comitê Central, bem como de depoimentos de líderes do partido a nível nacional, os chamados "comunistas históricos". A historiadora Dulce Pandolfi, por exemplo, em seu destacado trabalho sobre história e memória do PCB, abordou em um de seus capítulos o que chamou de "cultura comunista" e suas características. Ainda que apontasse elementos bastante importantes acerca do tema, o estudo baseou-se, sobretudo, em depoimentos de "ícones comunistas" e em documentos do Comitê Central do partido.[17]

Ao estudarmos o comunismo em Magé, observamos variadas influências e práticas políticas desses militantes. Entre os que se tornaram vereadores na Câmara Municipal, encontramos comunistas oriundos da Aliança Nacional Libertadora (ANL), de grupos religiosos cristãos, bem como

---

[15] MACINTYRE, S. *Little Moscows:* communism and working-class militancy in inter-war Britain. London: Croom Helm, 1980.

[16] SAVAGE, M. Classe e história do trabalho. In: BATALHA, C. H. de M.; SILVA, F. T. da; FORTES, A. (Org.). *Culturas de classe*: identidades e diversidade na formação do operariado. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2004. p. 38, 44 e passim.

[17] Cf. PANDOLFI, D. C. *Camaradas e companheiros*: história e memória do PCB. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1995. p. 35-49.

militantes fortemente identificados com o sindicalismo, na perspectiva da garantia dos direitos explicitados na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). No que tange à militância, especificamente, também havia comunistas ligados a instituições religiosas, entidades carnavalescas, além daqueles oriundos do anarquismo. Todas essas vicissitudes, contudo, não fazem deles "menos comunistas", apenas apontam para o fato de que o estudo sobre o tema exige avaliações para além da cúpula partidária pecebista.

Nos últimos anos, uma série de estudos tem destacado as discrepâncias entre a linha geral do partido e a prática da militância espalhada em diferentes pontos do país. Inclusive, alguns trabalhos recentes têm apontado nesse sentido.[18]

> Persiste, por parte da historiografia, uma certa imagem monolítica do PCB, como se a disciplina partidária transformasse a legenda em uma correia de transmissão em que as ordens partiam do topo e chegavam facilmente à base e os únicos 'desvios' nessa trajetória eram as dissidências consagradas na historiografia: trotskistas, prestistas, etc. No entanto, a documentação do dia-a-dia da militância atesta que, nem sempre, as bases — a despeito da disciplina partidária — acatavam as diretrizes que emanavam do Comitê Central. Ademais, no cotidiano da clandestinidade era difícil fazer com que uma diretriz fosse do Comitê Central às bases sem a intromissão policial [...]. [19]

---

[18] Cf. COSTA, H. Trabalhadores, sindicatos e suas lutas em São Paulo (1943-1953). In: _____; FONTES, P.; FORTES, A.; NEGRO, A. L.; SILVA, F. T. da. *Na luta por direitos*: leituras recentes em história social do trabalho. São Paulo: Ed. da UNICAMP, 1999. p. 87-116; NEGRO, A. L. *Um PCB é pouco, dois é bom, três é demais:* a participação operária na política do pós-guerra. Assis: UNESP, 2002, v. 21. p. 251-282; QUERINO, R. A. 2006. 367f. Tese (Doutorado em Sociologia)-UNESP/Campus Araraquara, 2006; SANTANA, M. A. Trabalhadores e militância sindical: a relação partido/sindicato/classe no Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro (1947-1964). In: RAMALHO, J. R. (Org.). *Trabalho e tradição sindical no Rio de Janeiro*: a trajetória dos metalúrgicos. Rio de Janeiro: DP&A, 2001; Ibid., *Homens partidos:* comunistas e sindicatos no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2001; TAVARES, 2007.

[19] Ibid., p. 72.

Moscouzinho em Magé

Localizado ao fundo da Baía de Guanabara, na Baixada Fluminense, o município de Magé despontava, desde o início do Século XX, como um destacado pólo industrial têxtil do Estado do Rio de Janeiro. Na medida em que consolidava esse perfil econômico, a cidade passou a reunir diversos movimentos organizados que buscavam mobilizar os operários locais em prol de melhorias em suas condições de trabalho, sendo notória a influência comunista.

Em 1940, o Serviço Nacional de Malária (SNM) nomeou o Dr. Irun Sant'Anna para combater a doença no município. Filiado ao Partido Comunista do Brasil (PCB) desde a juventude, o médico surpreendeu-se ao encontrar cinco fábricas de tecidos e um considerável contingente operário.[20] Desde então, passou a mesclar atividades médicas e políticas, tendo notabilizado-se tanto no combate à doença, quanto na mobilização de operários ligados ao PCB. No entanto, antes mesmo da chegada de Dr. Irun ao município, os comunistas já despontavam como protagonistas nas formas de organização e lutas da classe trabalhadora mageense, sobretudo a têxtil.

Remonta ao início do século XX, os primeiros registros de manifestações operárias que se tem notícia em Magé. Nessa trajetória, a chamada Greve do Pano, de 1918, foi motivada pela "Insurreição Anarquista", ocorrida na cidade do Rio de Janeiro; a Aliança Operária, que atuou nas décadas de 1920 e 1930, apesar da proeminência anarquista, passou paulatinamente a receber orientação comunista; e na própria fundação dos sindicatos locais, ainda que sob forte repressão do período do Estado Novo, os militantes comunistas participaram. Portanto, todos estes eventos passaram a ser considerados pelos trabalhadores mageenses como um "início de luta", marcando decisivamente a memória operária local e seu processo de acumulação política.

---

[20] Em 1940, o município de Magé mantinha cinco estabelecimentos têxteis em funcionamento: as fábricas Santo Aleixo, Andorinhas, Pau Grande, Mageense e Cometa, cada uma com cerca de 450 operários; sua população girava em torno de 23 mil habitantes, apud PEDROSO, J. *O Rio de Janeiro:* a cidade e o Estado. Rio de Janeiro: [s.n.], 1950. p. 363.

O próprio Dr. Irun afirmou ter encontrado "vários comunistas não organizados" quando chegou a Magé, entre eles Germano Narciso, oriundo do movimento anarquista; José Pereira Leal Neto, comunista atuante na década de 1930; José Muniz de Mello, eleito vereador em 1947; a família Câmara e o operário Feliciano Costa em Pau Grande; além de José Rodrigues, José de Aquino Santana, Edna Nunes, entre outros:

> [...] Em Magé já havia vários comunistas não organizados [...]. Quando cheguei lá, eu encontrei o pessoal fazendo greve por melhoria das condições de trabalho e salariais. Na época, me passaram uma figura mitológica chamada Agenor Araújo, que eu nunca vi, não o conheci. Parecia que já estava morto, [e tinha] anterior a mim. Ele tinha tanto prestígio que diziam que ele batia na caixa do tear dele e a fábrica parava toda. E aí um perguntava: 'Por que, Agenor?'. [Ele respondia] 'Não! Vamos parar por causa disso, tá um absurdo...'. Depois que ele explicava. Tal prestígio dele era dessa maneira. Eu acho que não havia ainda sindicato, ou estava demasiadamente policiado. Era ele quem comandava as greves. Isso foi o que ficou pra mim na História".[21]

Além da figura marcante do tecelão Agenor Araújo, homenageado inclusive como patrono de uma das células do PCB em Magé no período de legalidade, outros operários também são lembrados de forma recorrente, alguns deles oriundos da Aliança Operária.

Nesse sentido, verificamos que durante a primeira metade da década de 1940 foi constituindo-se no município uma destacada geração de operários, bastante politizada e forjada a partir das reuniões clandestinas promovidas por Irun Sant'Anna. Como assistente do PCB em Magé, era ele quem transmitia a linha política do partido, quem esclarecia dúvidas teóricas e opinava sobre as tarefas momentâneas. Outrossim, nota-se que o médico comunista instigava ao máximo a participação dos operários, levando-os inclusive a cargos dentro do partido:

---

[21] Irun Sant'Anna: entrevista [abril 2006]. Entrevistador: Felipe Augusto dos Santos Ribeiro. Rio de Janeiro, 2006. (Acervo do pesquisador).

> [...] Das fileiras do Partido saíram inúmeros dirigentes sindicais e políticos operários. Parece-nos melhores do que seriam. Pelo menos não fizeram mais tarde o que fizeram de início. Por exemplo, um companheiro operário perguntou-nos nos primórdios da organização partidária o seguinte: Se o imperialismo existia, onde estava o imperador? E nós, pacientemente, tivemos que explicar que o imperialismo era a palavra que Lenine tinha ido buscar no economês para caracterizar aquela fase do capitalismo e que ela, a palavra, nada tinha a ver com a realeza imperial [...]. Na minha opinião, os camaradas ficaram mais educados e politicamente mais firmes".[22]

Em suma, destacamos a dimensão coletiva de determinadas biografias, aliada a importância de tradições históricas integrantes da memória social de um grupo específico, no caso os trabalhadores de Magé ligados ao PCB. Acreditamos que as experiências herdadas da Greve do Pano, da Aliança Operária e do próprio contexto da fundação dos sindicatos, passaram a constituir como bases para a avaliação e tomadas de posição frente às situações vivenciadas no presente. Nesse contexto, indubitavelmente, a postura tomada pelo PCB na articulação dos militantes mageenses tornou-se decisiva, sobretudo por não renegar essas experiências anteriores, mas legitimando-as como parte do processo de aprendizado desses trabalhadores. Inclusive, o partido se apresentava como herdeiro deste passado de lutas.[23]

Vale ressaltar que, para além dessas reuniões clandestinas, os comunistas mageenses organizaram uma série de campanhas e associações, visando a mobilização dos trabalhadores em torno do partido.

---

[22] SANT'ANNA, 1997, p.160.

[23] O jornal comunista *Tribuna Popular* publicava diversas reportagens sobre o movimento comunista em Magé. Destaca-se a valorização que o periódico atribuía às "lutas passadas" dos trabalhadores locais. Em 4 de julho de 1945, por exemplo, o jornal estampou a manchete Santo Aleixo é o 1° Distrito do Brasil a ter Inaugurada a Sede do P. Comunista, enfatizando que o local "tem uma grande tradição de luta patriótica e anti-facista", onde "o integralismo não conseguiu penetrar", p. 8. Numa das entrevistas publicadas, um operário mageense fez referência à Greve do Pano como "início de luta dos comunistas".

Inicialmente, no contexto da Segunda Guerra, as mobilizações desencadeadas pelo partido tinham como mote o patriotismo, promovendo campanhas pela luta contra o fascismo, pela declaração de guerra do Brasil contra o Eixo, pelo envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) aos campos da Europa e pelo apoio a este contingente brasileiro guerreando na Itália. Justamente por isso, conseguia reunir diversos mageenses em torno das mobilizações, inclusive aqueles alheios ao partido.

No meio operário, percebemos que uma das campanhas de maior adesão foi a do Abono de Natal. Lançando mão de um artifício que lembrava à época da Aliança Operária, os comunistas trataram de organizar comissões de operários, uma para cada fábrica de tecidos, que negociavam diretamente com os gerentes das empresas reivindicando um subsídio em dinheiro, além do salário convencional, para o período de festas natalinas. Essa campanha tornou-se bastante notória entre os trabalhadores mageenses:

> Nos anos 40, houve muita greve, surgindo inclusive um movimento dominante pelo Abono de Natal. Fazia-se muita greve nas proximidades do Natal para se conseguir o abono. Todo o ano aquilo se repetia e não se conseguia nada. Até que o Aarão Steinbruch se elege deputado federal, pega o Abono de Natal e chama de décimo terceiro, virou o décimo terceiro que está aí. Mas Magé, Santo Aleixo, principalmente, e Pau Grande, todo ano parava por causa do Abono de Natal, que já era uma reivindicação em Santo Aleixo há bastante tempo, desde os anos 40 [...].[24]
>
> Naquele tempo ninguém sonhava com o 13°, e o Sindicato resolveu pedir Abono de Natal; nós percorremos todas as fábricas, não ganhamos, mas já foi uma luta.[25]

Interessante observar como que a Campanha pelo Abono de Natal tornou-se recorrente nos depoimentos dos

---

[24] Irun Sant'Anna: entrevista [abril 2006]. Entrevistador: Felipe Augusto dos Santos Ribeiro. Rio de Janeiro, 2006. (Acervo do pesquisador).

[25] Paulo Lopes: entrevista [2005]. Entrevistadora: Juçara da Silva Barbosa de Mello. Magé, 2005. (Acervo da pesquisadora). (Grifo nosso).

antigos operários de Magé, sempre citada em um sentido de continuidade, como início de uma luta que só seria levada a termo com a aprovação da Lei da Gratificação de Natal, popularmente conhecida como Décimo Terceiro Salário, instituída em 1962, de autoria do então deputado federal Aarão Steinbruch, nome também sempre lembrado pelos operários. No caso do depoimento do ex-operário Paulo Lopes, percebe-se a valorização do Sindicato como porta-voz das conquistas, ainda que nesse período seus dirigentes não tenham participado das comissões.

A partir da experiência da campanha pelo Abono de Natal, os militantes intensificaram a criação de comissões de fábrica para tratar de diversos assuntos, o que garantiu, inclusive, uma frequente inserção dos comunistas nos sindicatos, ainda que de forma paulatina.

Já no contexto da Guerra Fria, o mundo vivia sob a iminência de um novo conflito de caráter mundial, que, em certos momentos, pareceu realmente ocorrer, sobretudo com a profusão de armas nucleares empreendida pelas superpotências, entre elas a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Não obstante, no final da década de 1940, militantes comunistas de diversos países, inclusive o Brasil, lançaram campanhas que definiam como seu propósito garantir a paz mundial. Em 1950, esse Movimento pela Paz intensificou-se com a Campanha pela Proibição das Armas Atômicas, lançada através do Apelo de Estocolmo, que consistia na coleta de milhões de assinaturas a serem enviadas à Organização das Nações Unidas (ONU) para proibir a utilização de armas atômicas por qualquer país, como também a destruição dos arsenais atômicos até então existentes.

Outra campanha de caráter nacional empreendida pelo PCB e que também repercutiu em Magé foi a Campanha pelo Petróleo, que lutou pela autonomia brasileira na exploração do combustível. Com o célebre bordão O Petróleo é Nosso, a campanha foi patrocinada pelo Centro de Estudos e Defesa do Petróleo, recebendo a adesão de diversos nacionalistas, incluindo os comunistas. Eles travaram um intenso debate contra aqueles que defendiam o ingresso de empresas estrangeiras na exploração do combustível no Brasil.

> [...] Nós não deixávamos morrer as lutas políticas! Então, desde 42, que nós lutamos politicamente contra o fascismo, pela força expedicionária, depois fizemos a

> comissão de ajuda à força expedicionária, e a de Magé foi uma das melhores... Depois fomos para o problema do Petróleo é Nosso! Fomos contra a bomba atômica, fizemos pela paz continuadamente... Cansamos de fazer comícios contra a bomba atômica. Esse comício, que iam me matando, foi um comício pela paz! Eu iria morrer pela paz! [risos].[26]

Na realidade, o PCB aproveitou bastante essas circunstâncias para encaminhar suas demandas e buscar meios legais na divulgação de suas propostas, assumindo-se por vezes como o grande articulador dessas campanhas. Os movimentos contra a bomba atômica, pela paz e pelo petróleo são um exemplo disso. Eles foram tratados como um mecanismo eficaz para que o PCB conseguisse reorganizar-se nos diferentes campos de atuação: local, regional, estadual e nacional. Salientamos que todas essas campanhas e mobilizações empreendidas pelos comunistas no país configuraram como uma base de reestruturação financeira do PCB, como também de manutenção do discurso do partido junto aos brasileiros.[27]

Dessa forma, os comunistas foram adquirindo, paulatinamente, um elevado nível de influência nas formas de organização e lutas da classe trabalhadora mageense, sobretudo a têxtil, assumindo um papel de liderança nos discursos em prol desses operários, marcadamente a partir do contexto democrático pós-Segunda Guerra Mundial, período em que o eleitorado brasileiro ampliou-se consideravelmente, tendo a classe trabalhadora despontado como um ator importante neste novo cenário político.

---

[26] Irun Sant'Anna: entrevista [abril 2006]. Entrevistador: Felipe Augusto dos Santos Ribeiro. Rio de Janeiro, 2006. (Acervo do pesquisador). Este comício do qual se refere o médico foi realizado no dia 27 de março de 1949, em Santo Aleixo. Na ocasião, um soldado da polícia tentou agredir Dr. Irun com uma coronhada de fuzil. Ao defendê-lo, o tecelão Euzébio de Souza acabou fraturando o antebraço. Por fim, o médico, o operário e o ex-vereador Agenor dos Santos foram presos e conduzidos à DOPS, em Niterói, pelos investigadores. No registro da ocorrência, porém, eles foram acusados de agressão aos policiais, não sendo relatada a fratura do operário.

[27] QUERINO, 2006, p. 114.

A estratégia inicial dos comunistas mageenses, assim que o partido voltou à legalidade, em 1945, foi eleger seus primeiros representantes nas eleições federais e estaduais. Enquanto isso, nos sindicatos de Santo Aleixo e Pau Grande, o embate por espaço político com os primeiros dirigentes progredia com dificuldades, já que a legislação trabalhista permitia, em última instância, o controle do Ministério do Trabalho sobre as entidades sindicais por meio dos interventores.

Mesmo com a cassação da legenda, em maio de 1947, os militantes mantiveram o "partido vivo" reorganizando-o na clandestinidade e voltando a mobilizar os trabalhadores mageenses para a eleição de candidatos comunistas. Dessa forma, o PCB passou a utilizar diversas "legendas emprestadas", como forma de "legalizar" a atuação dos comunistas.

Na primeira eleição municipal pós-Estado Novo, em 1947, foi possível ter uma noção do capital político dos comunistas em Magé. Apesar da cassação do PCB poucos meses antes do pleito, os comunistas abrigaram-se na legenda do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e elegeram todos os representantes desse partido na Câmara de Vereadores, além do suplente, ou seja, todos os representantes do PTB eram comunistas e oriundos do antigo PCB, formando a segunda maior bancada no município, atrás apenas do Partido Social Democrático (PSD). Entretanto, esses vereadores comunistas sofreram um conturbado processo de cassação, sob a alegação de "professar o credo vermelho", e perderam seus mandatos no ano seguinte.

Apesar disso e da forte repressão empreendida pela polícia política aos militantes do PCB, a legenda manteve uma intensa atuação no município, reorganizando-se na clandestinidade e mobilizando permanentemente os trabalhadores mageenses em torno de suas propostas. Durante a década de 1950, os comunistas conquistaram a direção dos sindicatos locais e, de 1947 até 1964, conseguiram eleger diversos vereadores na Câmara de Magé, através da legenda de outros partidos, em todos os pleitos municipais. Ao todo, foi contabilizado um total de onze vereadores comunistas empossados no período, em sua grande maioria de operários têxteis.[28]

---

[28] Em 1947, foram eleitos o médico Irun Sant'Anna, o comerciante e ex-operário têxtil José Muniz de Melo (licenciado durante o mandato), os

contida em seu discurso, reconhecido por um numeroso e poderoso grupo de operários, que via nele expresso seus interesses:

> [...] Para garantirem esta mobilização duradoira, os partidos devem, por um lado, elaborar e impor uma representação do mundo social capaz de obter a adesão do maior número possível de cidadãos e, por outro lado, conquistar postos (de poder ou não) capazes de assegurar um poder sobre os seus atributários [...].[31]

Assim, destacamos que a estratégia que permeou o PCB mageense durante as décadas de 1940 e 1960 foi a de mobilizar os trabalhadores locais em duas frentes bem definidas: na busca por maior capital político nos sindicatos, por meio das comissões de fábrica (sustentáculo de seu crescimento político), com o objetivo de alcançar a direção dessas entidades; e elegendo comunistas em cargos legislativos, operários principalmente, "transformando a luta eleitoral em uma verdadeira batalha de classes".[32]

Para melhor entender essa concorrência pelo poder, Bourdieu trabalhou com o conceito de "capital político", onde a força das idéias propostas nesse campo mede-se, sobretudo, pela capacidade de mobilização que elas encerram e pela força do grupo que as reconhece, onde o papel do homem político, do porta-voz, do agente mobilizador do grupo constitui-se como um fator importante:

---

[31] BOURDIEU, P. A representação política: elementos para uma teoria do campo político. In: _____. *O poder simbólico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 174.

[32] COMITÊ CENTRAL DO PCB. *La correspondência sud-americana*, n. 21, de 20 de novembro de 1929, apud CARONE, 1982, p. 83. Apesar de anterior ao eixo cronológico por nós estudado, a citação torna-se pertinente na medida em que realça uma proposta posteriormente bastante difundida pelo PCB. O período pós-Segunda Guerra Mundial, tornou-se bastante favorável aos comunistas, que assumiram o desafio de consolidar e ampliar suas bases eleitorais, sem perder sua identidade. O próprio Prestes já declarava, num discurso em 1945, que o PCB deveria "inteligentemente utilizar o sufrágio universal e o parlamento burguês". Cf. PANDOLFI, 1995, p. 144.

> [...] O homem político deve a sua autoridade específica no campo político, [...] à força de mobilização que ele detém quer a título pessoal, quer por delegação, como mandatário de uma organização (partido, sindicato) detentora de um capital político acumulado no decurso das lutas passadas [...].[33]

Portanto, percebemos um significativo protagonismo do operariado na política mageense, forjado justamente por meio desses mecanismos de representação fomentados pelo PCB. Das comissões de fábrica, passeatas e comícios, surgiram trabalhadores porta-vozes de seus pares, que por uma relação profícua de identificação tornaram-se homens políticos, portadores das esperanças de muitos operários têxteis.

Conclusão

Verificamos que desde a primeira metade da década de 1940 foi se constituindo no município de Magé uma geração de operários bastante politizada e forjada a partir das reuniões clandestinas do PCB. E a força dessa geração deixou marcas significativas na memória do movimento operário mageense: "As pessoas diziam que Santo Aleixo era moscouzinho", lembrou a ex-operária e militante do PCB Lúcia de Souza.[34] "O pessoal aqui era chamado Moscou de Magé, porque o pessoal daqui era meio bravo na época [...]", comentou o ex-tecelão Joaquim Silveira.[35]

Reconstituindo essa trajetória, também é possível perceber que os comunistas mageenses eram bastante vigiados pelos investigadores da polícia política.[36] De fato, tanto a ascensão dos

---

[33] BOURDIEU, 1998, p.190. Grifo nosso.

[34] Lúcia de Souza Lima: entrevista [outubro de 2007]. Entrevistadora: Juçara da Silva Barbosa de Mello. Magé, 2007. (Acervo da pesquisadora).

[35] Joaquim Silveira: entrevista [abril de 2008]. Entrevistadora: Joana Lima Figueiredo. Magé, 2008. (Acervo da pesquisadora).

[36] O acesso aos documentos da polícia política, ao passo em que configura como uma interessante iniciativa, sobretudo por se tratar de uma fonte inédita para o estudo do tema em questão, requer a devida precaução metodológica, onde a crítica e o cruzamento documental tornam-se fundamentais. Ressaltamos que estes documentos foram produzidos por

comunistas em Magé quanto a postura repressiva do Estado promoveram uma personificação bastante curiosa na memória política mageense.

Analisando os diversos depoimentos colhidos, associados a conversas informais realizadas com ex-operários têxteis, percebemos que muitos deles, mesmo reconhecendo a participação dos militantes do PCB em conquistas da categoria e realçando inclusive o cognome "moscouzinho" com certo orgulho, evitam denominá-los como comunistas. Isso demonstra o caráter conflitivo dessa memória, pois ainda que Magé tenha sido considerada por vários entrevistados como uma "pequena Moscou" (referente à capital da antiga URSS, "comunista"), a alcunha homônima, em alguns casos, não era correspondida aos militantes. Em relação ao líder sindical e vereador Astério dos Santos, que adquiriu boa reputação para além dos militantes comunistas, essa observação tornou-se ainda mais evidente: "Eu não achava ele errado não, mas os donos das fábricas achavam que ele era comunista", afirmou a ex-operária Nelly Gualandi.[37]

Nesse sentido, o comunismo e o sindicalismo promovido por comunistas compõem duas trajetórias unidas, embora distintas. No caso da atuação do vereador Astério dos Santos, por exemplo, verificamos certos descompassos nos depoimentos de antigos militantes do PCB acerca de sua liderança sindical. Ora, se o comunismo e o sindicalismo comunista apresentavam distinções, não obstante, também podemos afirmar que o comunismo e a atuação parlamentar desempenhada pelos comunistas em Magé também mantinham suas singularidades, apesar do vínculo inquestionável.

---

agentes de Segurança Pública, justamente em um período caracterizado por uma forte posição anticomunista no Estado brasileiro, principalmente após a cassação do PCB em 1947. Cf. FONTES, P.; NEGRO, A. L. Trabalhadores em São Paulo: ainda um caso de polícia. O acervo do DEOPS paulista e o movimento sindical. In: AQUINO, M. A. de et al. (Orgs.). *Dossiês DEOPS/SP*: radiografias do autoritarismo republicano brasileiro. São Paulo: Arquivo do Estado; Imprensa Oficial, 2001. p. 157-179; MENDONÇA, E. R. F. de. Documentação da polícia política do Rio de Janeiro. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 12. n. 22, p. 6, 1988; e REZNIK, L. *Democracia e segurança nacional:* a polícia política no pós-guerra. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2004.

[37] Nelly Gualandi de Melo: entrevista [janeiro de 2005]. Entrevistadora: Juçara da Silva Barbosa de Mello. Magé, 2005. (Acervo da pesquisadora).

Para os antigos trabalhadores têxteis mageenses o termo "moscouzinho" faz recordar o operariado do município de Magé aguerrido, onde sindicatos e vereadores reivindicavam em prol da categoria e obtinham conquistas; enquanto que a denominação "comunista" lembra algo errado, ilegal, não autorizado ou clandestino, reflexo inconteste da difusão de uma ideologia anticomunista no período estudado. Assim, a experiência do comunismo imprimia sentimentos distintos junto ao operariado: o medo da perseguição e a admiração pela coragem dos perseguidos.

Interessante registrar que, durante a pesquisa que realizamos, em uma das conversas "informais" que tivemos com antigos moradores, uma nos chamou a atenção. Era a viúva de um ex-operário, muito católica, que morava próximo à Praça X de Novembro, em Andorinhas, um dos locais preferidos pelos comunistas para a realização de comícios. Perguntada como eram essas manifestações do partido, a moradora disse que não ia aos comícios, mas que era possível assisti-los do quintal de casa. E de uma forma bastante peculiar, ela comparou a adesão dos operários ao comunismo a uma moléstia contagiosa: —"Parecia uma doença, meu filho!".

Apesar dessa conversa não ter sido gravada, pois muitos moradores ainda sentem receio em registrar episódios sobre o assunto, a fala dessa antiga moradora marcou sobremaneira a análise empreendida nesse trabalho, principalmente para a elaboração do presente artigo. Curiosamente, sua declaração coadunou-se com algumas observações registradas pelos investigadores da polícia política, que caracterizaram Magé como uma "infeliz cidade", repleta de "micróbios moscovitas", que necessitava de um "desinfetante para tais germes". Coincidentemente, na reunião legislativa que cassou os mandatos dos vereadores Astério dos Santos e Darcy Câmara, em 1964, lá estava o deputado estadual Waldemar Lima Teixeira, chefe do PSD local e ferrenho adversário dos comunistas. Como convidado ilustre, ao discursar, fez questão de louvar a atitude da Câmara, que "ajudando o saneamento político do município, cassou, de forma acertada, o mandato de dois elementos comunistas".[38]

[38] RIO DE JANEIRO (ESTADO). Câmara Municipal de Magé. *Livro de Atas* n. 25, de 30 de dezembro de 1963 a 28 de abril de 1964, f. 70. Grifo nosso.

Essa dimensão cultural emerge a partir da apropriação/valorização simbólica desses operários em relação ao seu espaço vivido, constituindo-se em diversas identidades. Além disso, evidencia a importância de margens de escolha humana nos processos políticos. Sob esse aspecto, convém ressaltar que o operariado não se constitui de forma homogênea. Divisão e unidade agem simultaneamente, uma sem excluir a outra. Por isso, deve-se valorizar justamente o caráter multiforme da vida dos trabalhadores, bastante vulnerável às incertezas, provocando variadas formas de associação e construindo diversas identidades específicas, ainda que essas identidades rivais pudessem vir a fundir-se ou combinar-se.[39]

Em um período democrático repleto de ambigüidades e restrições, como o de 1945 a 1964, os comunistas brasileiros reivindicavam permanentemente seu direito à existência legal, ao passo que insistiam em participar da política institucional mesmo após sua cassação. No entanto, os mandatos conquistados por eles através de outras legendas não trouxeram consigo o fim da repressão política em um período caracterizado pelo "pluralismo limitado" de uma "democracia inconclusa".[40]

No caso de Magé, destacamos a liderança do médico Irun Sant'Anna, cuja relevância para esse processo de efervescência comunista em Magé se deu ao proporcionar a iniciação de diversos tecelões no seio do partido, configurando como um rito de passagem para o operário-militante, uma preparação especial, um aprendizado de saberes específicos no qual se forjou o "*habitus*" do político comunista. Como resultado, formou-se uma geração de trabalhadores mageenses ligados ao PCB, responsável tanto pela hegemonia dos comunistas nos sindicatos do município, quanto por seu protagonismo no cenário político local.

Argumentamos que, por meio de um processo de acumulação política, algumas dessas experiências tornaram-se referências tanto na memória do movimento operário local quanto na elaboração de suas práticas. Deixando um pouco de si

---

[39] BATALHA, 2004, p. 15. Também destacamos neste livro o artigo de Neville Kirk, intitulado *Cultura:* costume, comercialização e classe, p. 49-70.

[40] Definições apresentadas por Angela de Castro Gomes e Rosimar Alves Querino, respectivamente. Cf. GOMES, A. de C. *A invenção do trabalhismo.* 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2005. p. 302; QUERINO, 2006, p. 351.

no presente e levando consigo um pouco do passado, essas experiências promoveram continuidades e rupturas no processo histórico estudado, construindo, portanto, uma memória social e coletiva bastante peculiar.

Na realidade, todos esses comunistas eleitos em Magé, independente de sua atuação profissional, buscaram dar voz e vez aos operários do município, lutando por melhores condições de vida e trabalho e forjando um discurso vigoroso em prol dos seus interesses mais prementes. Esse capital político, portanto, transfigurava-se em poder simbólico, fortalecendo a crença de que esses parlamentares comunistas representavam na Câmara todos os trabalhadores mageenses, como autênticos "operários à tribuna", marcando a reputação da cidade, que passou a ser conhecida como "moscouzinho".

"LITTLE MOSCOWS" IN BRAZIL: THE COMMUNIST MILITANCY IN THE SMALL TOWN

ABSTRACT
This study aims to analyze the actions of communist militancy in the city of Magé, State of Rio de Janeiro, between 1940 and 1964, political unrest that characterized the city as "Little Moscow". We believe that through this case study we can understand more accurately how was the experience of PCBs in small Brazilian cities, in addition to decisions dome in its Central Committee.

KEYWORDS
Communism. Partido Comunista do Brasil. Working Class.